

O GÊNERO DA CIDADE¹

Michelle Perrot²

RESUMO: A cidade europeia do século XIX constituiu-se como um lugar ambivalente em termos de hospitalidade para as mulheres, tanto no que se refere ao espaço público, como ao privado. Ora acolhendo, ora repelindo o sexo feminino, esse ambiente restringia o acesso das mulheres às instituições e a circulação no meio urbano, e impondo-lhe numerosos interditos morais, físicos e intelectuais. A cidade, entretanto, também caracterizou-se pela conquista de espaços de sobrevivência, pela constituição de redes de solidariedade feminina e por um crescente direito das mulheres em participar de manifestações políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Historiografia. Século XIX. Cidade. Solidariedades femininas.

ABSTRACT: As one considers both public and private spaces, the nineteenth century European city was an ambivalent place in terms of hospitality for the female sex. Access to institutions and getting around the urban area were often forbidden, as well as highly demanding moral, physical and intellectual interdict were imposed. On the other hand, the city was also characterized by the conquest of surviving spaces, by the building of solidarity networks and by increasing woman rights to participate in political demonstrations.

KEY WORDS: Gender. City. Historiography. Nineteenth century. Woman solidarity.

¹ “*Le genre de la ville*”. Publicado originalmente em *Communications*, Paris, n. 65, p.149-163, 1997. Tradução de Hermetes Reis de Araújo.

² Université Paris 7 - Denis-Diderot.

A cidade do século XIX, mais precisamente, a cidade francesa, foi um lugar de hospitalidade para as mulheres? Existe, sob esse aspecto, uma diferença dos sexos? A questão do gênero e da cidade – das mulheres na cidade – é relativamente nova. O guia bibliográfico *Les Femmes et la Ville*, publicado em 1992 pelo CNRS e de autoria de uma equipe da Universidade de Aix-Marseille, comporta 549 títulos.³ Todavia, alguns são bastante periféricos em relação ao assunto “mulheres/cidade”, tratando de um ou de outro e, mais raramente, das relações entre os dois.

Em primeiro lugar, essa questão é extremamente conotada e transborda de representações e estereótipos. Existe uma visão catastrófica da cidade do século XIX, visão amplamente moral da cidade perigosa para todos, ainda mais para as mulheres, cuja virtude é ameaçada. A cidade prostituída, prostitucional, culmina na representação da “Paris-Babilônia”. O vocabulário é significativo e opõe a “mulher pública”, representando o horror, ao “homem público”, a honra. A primeira é propriedade comum – a meretriz; o segundo, a figura mesma da ação. O espaço público, do qual a cidade é uma forma, sublinha com estardalhaço a diferença dos sexos.

Em segundo lugar, quando os homens e as mulheres do povo falam da cidade, eles não reforçam somente essa imagem pejorativa, mas a uma outra, muito mais positiva. Existe um “amor da cidade nos operários franceses do século XIX”,⁴ apesar de a prudência se impor a essa interpretação, em razão do caráter seletivo dos testemunhos produzidos, na maior parte do tempo, por aqueles que tiveram êxito. A assimetria sexual é aí muito forte, em virtude das dificuldades que as mulheres, sobretudo do povo, têm para ascender à escrita e, principalmente, a esta forma de

³ Entre os trabalhos mais sugestivos, Cf. KNIBIEHLER, Yvone et all (dir.), “Marseillaises. Les femmes et la ville”, Paris: Côté femmes, 1993. JURATIC, Sabine; PELLEGRIN, Nicole. “Femmes, villes et travail en France dans la deuxième moitié du XVIII^e siècle” (*Histoire, Économie, Société*, 3^e trimestre, 1994, p. 477-500), fornecem numerosas referências para o século XVIII.

⁴ PERROT, Michèle. “Amour des villes et sensibilité ouvrière”, comunicação no colóquio de Beaubourg, “La ville en œuvres”, março de 1994, publicada em *Mélanges offerts à Jean-Pierre Aguet*, Universidade de Lausanne, 1996.

escrita que é a autobiografia.⁵ Por certo, existem outras fontes para apreender o lugar das mulheres na cidade, como policiais⁶ e judiciárias, notadamente. A tese de Anne-Marie Sohn, que se apoia no exame de cerca de 7.000 dossiês judiciais relativos aos conflitos privados, pondo em cena mulheres – cerca de três quartos do povo – entre 1880 e 1930, traz numerosos elementos para o assunto de que tratamos.⁷ Globalmente, a autora pensa que a cidade, no final das contas, revelou-se mais um espaço de liberação e de liberdade para as mulheres, assim como de modernização das relações sociais e sexuais, conclusão que subscrevo. Frequentemente madrastra, a cidade foi também abertura de destinos e fronteira de possíveis, mas de forma desigual para os sexos.

Algumas perspectivas mais livres, demográficas, econômicas e culturais, são necessárias à inteligibilidade das relações dos sexos no espaço urbano. As estatísticas do século XIX permitem precisar a natureza sexual dos fluxos migratórios e a repartição dos sexos nas cidades, notadamente, Paris. Na primeira metade do século, prevalece o desequilíbrio: acréscimo da imigração masculina e poucas mulheres, sobretudo entre 20 e 40 anos. Na segunda metade do século XIX, a partir dos anos 1880, a estabilização dos migrantes e a vinda mais massiva das mulheres estabelecem um certo equilíbrio. O desenvolvimento da domesticidade, consecutivo ao emburguesamento da cidade, cria um excedente feminino, especialmente a oeste da capital. Essas variáveis são importantes para os fenômenos como a prostituição, a violência sexual, etc. Há uma demanda de mulheres, que são frequentemente tratadas como mercadoria, com valor de uso

⁵ PERROT, Michelle. “Vies ouvrières”. In: NORA, Pierre (org.). *Lieux de mémoire*, v. 3, *Les France*, t. 3, *De l'archive à l'emblème*, Paris, Gallimard, 1993, p. 87-123.

⁶ Ver, notadamente, os trabalhos de FARGE, Arlette, *La vie fragile*. Violence, pouvoirs et solidarités à Paris au XVIII^e siècle, Paris, Hachette, 1986.

⁷ SOHN, Anne-Marie. *Chrysalides*. Femmes dans la vie privé (XIX^e-XX^e siècle), Paris: Publications de la Sorbonne, 2 vol. 1996.

e mesmo de troca.⁸ Os locais de encontro dos sexos, como os bailes, são essenciais. Paris é, no século XIX, uma cidade que dança, e não somente para o seu prazer.

Seria necessário conceder um lugar específico às mulheres solitárias, predominantes em toda parte: no recenseamento de 1851, acima de 50 anos, enumeram-se 27% de homens sós para 46% de mulheres sós (34% de viúvas e 12% de solteiras). “A cidade, desafogo tradicional do rural superpovoado, torna-se o horizonte ordinário das solteiras; ela fabrica tanto quanto atrai os solitários”.⁹ Havia-se observado em relação ao século XVIII, e isto se confirma para o XIX: três em cada quatro cidades apresentaram, no recenseamento de 1860, um excedente feminino. Os britânicos, confrontando o mesmo problema, denunciam as *redundant women*, com as quais não se sabia o que fazer. As viúvas e as mulheres idosas, inativas, apresentavam um problema particular. Muitas eram hospedadas por seus filhos, porque a coresidência persistiu muito mais tempo do que se acredita. As “decrépitas” iam parar no hospital, que não era especialmente organizado para recebê-las: os hospícios de velhos, estruturas específicas de acolhimento, somente se desenvolveram na primeira metade do século XIX,¹⁰ quando se tomou consciência de um problema da velhice, sobretudo urbana e feminina, muitas vezes de origem interiorana, mas que não mais visava necessariamente retornar a sua região para nela morrer.

Essas migrações convidam-nos a abandonar a ideia de mulheres amadurecidas e imóveis. As mulheres do século XIX movem-se, deslocam-se, viajam, tomam barcas e berlindas e, em breve, a estrada de ferro – que, aliás, prevê compartimentos para

⁸ CORBIN, Alain. *Les filles de noce*. Misère sexuelle et prostitution (XIX^e et XX^e siècle). Paris: Aubier, 1978. Ver, igualmente, PERROT, Michelle. *Femmes publiques*. Paris: Textuel, 1997. Entrevistas com Jean Lebrun.

⁹ DAUPHIN, Cécile. “Femmes seules”. In: DUBY, Georges et PERROT, Michelle (org.), *Histoire des femmes en Occident*, t. IV, *Le XIX^e siècle*. Paris: Plon, 1991. pp. 445-462, dá uma boa visão de conjunto dos problemas e das pesquisas.

¹⁰ A tese recente de FELLER, E. “Vieillessement et société dans la France du premier XX^e siècle” (Université Paris 7-Denis-Diderot, 1997), consagra um capítulo a essa questão.

mulheres sós. Isso leva à questão dos lugares de acolhimento: são poucas instituições, caracterizadas como redes familiares e de proximidade, que fazem de Paris uma grande aldeia.¹¹ Os auvernienses se agrupam de modo correspondente à sua comuna de origem – assim no caso, a rua de Lappe. O papel da família como instância de solidariedade e de sociabilidade é mais central do que nunca. Dessa hospitalidade privada, as mulheres se beneficiam como os homens; elas desenvolvem aí suas qualidades de donas de casa e de cozinheiras. As mais isoladas são as jovens domésticas, empregadas por suas famílias, “alimentadas e hospedadas” nos sextos andares, frequentemente sórdidos, confrontadas mais do que outras como solidão e a sedução.¹² Fora dessas estruturas privadas ou patronais, existem poucas formas de hospitalidade para as mulheres, as quais não podem frequentar hotéis ou cafés, considerados locais de homens.

Ademais, a desconfiança pesa sobre as mulheres, especialmente as mulheres sós que se deslocam. Flora Tristan, grande viajante – seus *Passeios em Londres* (1840) são um cativante testemunho da diferença dos sexos numa grande capital e das dificuldades da circulação feminina –, via-se recusar a hospitalidade em determinados hotéis do Midi que, por zelo de respeitabilidade, afixavam: “Proibido mulheres sós”. Ela escreve em 1835 um opúsculo, *Necessidade de fazer um bom acolhimento às mulheres estrangeiras*,¹³ no qual preconiza a formação de uma sociedade para assisti-las. Dotada de uma sede e de uma biblioteca onde se poderá ler os jornais, essa sociedade terá uma divisa: “Virtude, Prudência, Publicidade”; as aderentes portarão uma fita verde bordada de vermelho em sinal de reconhecimento; elas terão, todavia, um direito ao secreto, necessário a sua *privacy*:

¹¹ CHEVALIER, Louis. *La formation de la population parisienne au XIX^e siècle*. Paris: PUF, 1950. Idem. *Classes labourieuses, classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIX^e siècle*. Paris: Grasset, 1958.

¹² MARTIN-FUGIER, Anne. *La place des bonnes*. La domesticité féminine à Paris en 1900. Paris: Grasset, 1979.

¹³ Texto reeditado com uma apresentação de Denys Cuhe e Stéphane Michaud, Paris, L'Harmattan, 1988.

projeto que prefigura os “lares”, multiplicados na segunda metade do século pelas associações e ligas, protestantes sobretudo, e das quais seria necessário fazer o inventário. Cuidava-se cada vez mais dos perigos em que incorriam as jovens recém-chegadas. As aderentes da Liga de Proteção da Jovem ou da Obra das Estações postavam-se nas grandes estações parisienses para evitar que as migrantes crédulas deixassem-se cercar pelos aliciadores e proxenetas, agentes de um “tráfico de brancas” que drenava “carne fresca” para redes cada vez mais extensas, da Polônia ao Rio ou Buenos Aires.

Outros dados propriamente urbanos: as migrações introduziram uma certa confusão de espaços e de sexos onde surgiu o desejo progressivo de ordenar a cidade pela circulação dos fluxos e especialização dos espaços. A esses dois níveis, as mulheres são concernidas. As mulheres do povo circulam, utilizam a cidade como uma floresta, um território de livre percurso, onde encontram sua subsistência e ganham a vida. Elas catam combustível, raspam mercados, revendem artigos de saldo e segunda mão. Vendedoras ambulantes, em tabuleiros, utilizam as ruas a ponto de o comissário de polícia Gisquet, em 1836, tomar medidas para limitar e, em seguida, interditar, o trânsito delas. Dispersar e canalizar as multidões é um dos princípios da haussmanização, que atinge as classes populares e, principalmente, as mulheres. Entre o público e o privado, a calçada, após a rua, é lugar de uma luta surda pela apropriação do espaço. É um prolongamento da casa, mas além desse limite, a quem ela pertence exatamente? Não é dos moradores, ainda hoje em dia, a obrigação de sua limpeza em caso de neve?

É preciso ter conta, finalmente, dos dados socioculturais que definem, de modo cada vez mais estrito, o público e o privado,¹⁴ categorias políticas grosso modo equivalentes aos dois sexos. Daí surge o recuo generalizado da mistura, ao menos da confusa e duvidosa mistura da multidão e do povo, e a definição de espaços próprios a cada sexo, dos quais a mistura é considerada perigosa,

¹⁴ PERROT, Michelle. “Public, privé et rapport de sexes”. In: CHEVALLIER, Jacques (org.), *Public/Privé*. Paris: PUF, 1995. pp. 65-75.

geradora de desordem, imoralidade, histeria. Os teóricos das multidões (Gustave Le Bon, Gabriel Tarde, Taine, entre outros) incriminam particularmente a presença das mulheres. O próprio Zola faz delas os signos e os fermentos da violência, como na célebre caminhada dos mineiros de Montsou no *Germinal* (1885).¹⁵ A evolução dos cafés é, também, um índice precioso. Jacqueline Lalouette, em sua tese sobre os locais de venda de bebidas,¹⁶ comparou a Bretanha e o norte da França. Na Bretanha rural, o café permanece um lugar misto, onde homens e mulheres se encontram, bebem e “erizam” juntos; já no norte industrial, o botequim é cada vez mais masculino, e as mulheres “honestas” hesitam em adentrá-lo, mesmo quando se trata de ir buscar um marido que, no dia do pagamento, ali se demora um pouco mais. A evolução é idêntica em toda parte. As fotos de Robert Doisneau sobre os bistrôs de Paris nos anos 1950, ilustram esse ponto de chegada: alto lugar da sociabilidade masculina, o bistrô, forma popular do café parisiense, comporta somente poucas silhuetas de mulheres, tímidas, que entram quase furtivamente.

A política desempenhou seu papel à medida que se definiu no século XIX como uma atividade especificamente masculina, e não apenas na cidade. Lucienne Robin e Maurice Agulhon mostraram esse fato a propósito da “Pequena Câmara dos Provinciais” e de outros locais meridionais da sociabilidade viril.¹⁷ O exemplo inglês é ainda mais marcante. Dorothy Thompson descreveu o processo de exclusão das mulheres nos *pubs* e *inns*, que se tornaram os centros nervosos do cartismo: primeiramente, elas se calam; em seguida, elas amontoam-se nos cantos, companheiras mudas, apenas autorizadas a aparecer; finalmente elas desaparecem por

¹⁵ BARROWS, Susanna. *Miroirs déformants. Réflexion sur la foule en France à la fin du XIX^e siècle* (1981). Paris: Aubier, 1990.

¹⁶ LALOUETTE, Jacqueline. *Les débits de boissons en France (1871-1914)*. 1980. Paris I: 1980.

¹⁷ ROUBIN, Lucienne. *Chambrettes des Provençaux*. Paris: Plon, 1970. Diversas contribuições reunidas em AGULHON, Maurice. *Histoire vagabonde*, t. I, *Ethnologie et Politique dans la France contemporaine*. Paris: Gallimard, 1988. Em particular, “Classe ouvrière et sociabilité avant 1848”.

completo, interdição que atinge o conjunto dos estabelecimentos desse tipo até uma data relativamente recente. A respeitabilidade da política popular passava pela exclusão das mulheres. Por razões análogas, Guizot e os organizadores da democracia a caminho recusavam que a política fosse negócio de salões, coisa séria demais para ser deixada à frivolidade feminina.¹⁸

A retirada física e política das mulheres do espaço público é seguida de uma invasão de sua imagem. O corpo feminino é objeto de um investimento simbólico multiforme. Político: Marianne encarna a República, figura da mãe robusta e nutridora,¹⁹ enquanto que Germânia, mais guerreira, representa o Império alemão após a unificação. A estatuária abundante do século XIX multiplica as alegorias femininas nos frontões das estações ou dos bancos, coloca musas ao lado dos grandes homens que elas coroam. A publicidade iniciante, quanto a ela, cobre as paredes de cartazes, identificando a atração de um produto na mulher que o apresenta ou o acompanha. O estilo moderno torna-se exímio na matéria: para Mucha, morder o biscoito LU é consumir a mulher, associada também aos novos automóveis. As sinuosidades e as volutas do corpo feminino adoçam e aclimatam a modernidade das máquinas.²⁰ As cidades do século XIX são submergidas em imagens de mulheres.

Se a isso se acrescentam os fenômenos religiosos, o desenvolvimento prodigioso do culto da Virgem Maria e das figuras de santas, como Thérèse de Lisieux, a implantação dos conventos, dos pensionatos, das pequenas escolas, das oficinas de caridade – estruturas de acolhimento que, aliás, seria preciso cartografar –, concebe-se que as relações das mulheres com o espaço urbano situam-se no cruzamento de numerosas variáveis,

¹⁸ ROSANVALLON, Pierre. *Le Moment Guizot*. Paris: Gallimard, 1984.

¹⁹ AGULHON, Maurice. *Marianne au combat*. L'imagerie et la symbolique républicaines de 1789 à 1880. Paris: Flammarion, 1979. Seguido de Idem. *Marianne au pouvoir*. L'imagerie et la symbolique républicaines de 1880 à 1914. Paris: Flammarion, 1989.

²⁰ QUIGUER, Claude. *Femmes et Machines de 1900*. Lecture d'une obsession Modern Style. Paris: Klincksieck, 1979.

que intervêm na “*mise en scène de la vie quotidienne*”, da qual Erving Goffman mostrou toda a complexidade do simples ponto de vista psicossociológico.

As formas e os locais da hospitalidade são forçosamente tributários dessas condições.

As fronteiras dos sexos no século XIX: o exemplo de Paris

Essas fronteiras movem-se singularmente. A tendência primeira é aquela de segregação crescente e de uma nova ritualização sexual do espaço, mas a democratização e o efeito de massa tendem sempre a transbordá-las. Aliás, nítidas diferenças opõem burgueses e populares. Dessa geografia flutuante, só podemos desenhar aqui algumas curvas de nível.

Espaços interditados às mulheres

O caso da bolsa de valores, a partir do segundo Império virilizou o comércio do dinheiro. Jules Vallès é o testemunho satisfeito:

“As mulheres que faziam operações na bolsa ficavam outrora nesta galeria. Elas foram expulsas, e aquelas que ali se encontram hoje, são espectadoras indiferentes. Essas damas se mantêm agora, quando faz bom tempo, nos jardins que contornam a bolsa, e, quando faz mal tempo, nós não sabemos onde. Tudo foi feito para impedir as mulheres de jogar na bolsa, e conseguiu-se. Não falamos por elas, mas pelos infelizes agentes que elas tantas vezes fatigaram, atormentaram, espancaram [...]. A maior parte das mulheres posta contra a grade é feia como os sete pecados capitais e velha como o diabo [...]. Sabe-se que algumas falsificam o regulamento, pegam um culote, botas e uma cartola e, assim, disfarçadas, misturam-se na multidão dos especuladores”.²¹

²¹ VALLÈS, Jules. *L'Argent. "Géographie de la Bourse"* (1857), Paris, Gallimard, Coleção Bibliothèque de la Péiade, édition présentée par Roger Bellet, t. I, pp. 25-26.

O travestimento é um modo de transgressão dos interditos. Enquanto o pequeno comércio permanece largamente aberto às mulheres, a finança, os bancos, os “negócios” escapam-lhes por completo e, em consequência, os teatros de sua prática.

Os locais intelectuais da cultura não se mostram muito mais acolhedores. Os museus, contudo, Baudelaire afirma serem os únicos lugares convenientes para as mulheres: locais de frequência mundana, ou mesmo de apresentação matrimonial, mas também de trabalho para as copistas, que se ocupam na Grande Galeria do Louvre, em que o desenho faz parte da educação das jovens, é até mesmo seu possível ganha-pão. As bibliotecas, hoje tão feminizadas, no século XIX fazem-lhes cara feia: ler e escrever é ocupação de mulheres? O babeuvista Sylvain Maréchal publica, em 1801, o *Projeto de lei sobre a proibição de ensinar as mulheres a ler*, texto de humor, talvez, mas, em todo caso, condensa os estereótipos de então sobre a relação reticente das mulheres com os livros e com a atividade intelectual.²² Ali se lê, no artigo 52:

A razão *quer* que, esperando o inteiro cumprimento da presente lei, as mulheres se abstenham de ler e mesmo de assistir às sessões públicas ou particulares dos Institutos, Academias, Círculos ou Sociedades Literárias, Pórticos ou Serões de Musas, Museus, Liceus, Pritaneus, Ateneus, etc.; como também de seguir o catecismo e cursos, de *frequentar as bibliotecas* [destaque meu], etc. Estes não são seus lugares: as mulheres só estão bem nas suas casas ou numa festa de família.

Artigo 60: “A razão *quer* que todos os bons livros sejam lidos para as mulheres, mas não por elas”, etc. Temiam-se seus malefícios sobre uma imaginação sempre pronta ao devaneio.

A realidade era certamente diferente. A maioria das mulheres, na cidade sobretudo, eram alfabetizadas e, além disso, grandes

²² FRAISSE, Geneviève. *Muse de la raison*. La démocratie exclusive et la différence des sexes. Marseille: Alinéa, 1989; Paris, Gallimard, 1995.

leitoras, mas em privado. Situação paradoxal descrita de forma precisa por Françoise Parent, na sua tese sobre os gabinetes de leitura em Paris sob a Restauração:²³ no começo do século XIX, mais da metade dos arrendatários dessas oficinas eram mulheres casadas ou, mais frequentemente, viúvas. Mas as mulheres “como se deve ser” não iam a esses locais: elas enviavam suas domésticas mais instruídas, essas damas de companhia iniciadas que, ávidas de romances, influenciavam as leituras de suas patroas. É pelo menos o que conta Henri Monnier no *Romance da porteira*.

Uma vez ao ano, na ocasião dos exames para o diploma de capacitação, reservavam-se as bibliotecas públicas para as jovens. Era a “quinzena das professoras”, que Maxime du Camp descreve em termos licenciosos e divertidos.²⁴ Compreende-se o prazer de uma Simone de Beauvoir, fervorosa da Biblioteca Nacional: entre as duas guerras, as estudantes ali faziam uma entrada notória, e era um território conquistado há pouco.

Sede de leitura, sede de escuta também. As mulheres se comprimiam para assistir aos sermões dos pregadores em voga – elas fizeram o sucesso de um Lacordaire –, ou ainda, aos cursos do Collège de France, que, contrariamente aos da Sorbonne (ao menos na primeira metade do século), eram-lhes acessíveis por serem “públicos”. Elas afluíam aos de Michelet, sobretudo quando, em 1850, ele acrescentou ao seu programa “Educação da mulher e para a mulher”:²⁵ foi preciso reservar fileiras inteiras às “damas”. “As pedantes de Paris aí fazem seus encontros; há algumas carinhas formosas, muitas atrozés”, comenta Henri Dabot, intérprete da misoginia ordinária dos estudantes.²⁶

²³ PARENT-LARDEUR, Françoise. *Lire à Paris au temps de Balzac*. Les cabinets de lecture à Paris, 1815-1830, Paris: EHESS, 1981.

²⁴ Maxime du Camp, *Paris, ses organes, ses fonctions, sa vie*, Paris, 1869-1875, 6 vol. (uma mina de informações sobre os problemas que nos interessam, da qual seria necessário fazer uma leitura sistemática).

²⁵ Michelet, *Cours au Collège de France*, t. II, 1845-1851, publicados por Paul Viallaneix, Paris, Gallimard, 1995, p. 522.

²⁶ In *ibid.*, p. 527; sobre as trocas de Jules Michelet com suas ouvintes, cf. pp. 529-530.

Estes apreciavam as costureiras, jovens operárias que cuidavam de seus lares e camas,²⁷ mas recusavam qualquer presença feminina, quer se tratasse de conciliábulos políticos ou simplesmente de cursos. Quando Julie Daublié, de posse de um bacharelado conquistado sob grande luta em 1861 (em que a intervenção do saint-simoniano lionense Arlès-Dufour e da imperatriz Eugênia), decidiu, no curso dos acontecimentos, preparar uma licenciatura em Letras, que só foi autorizada pelo reitorado de Paris com a condição de não frequentar os cursos, para evitar qualquer contestação; ela o fez, portanto, como autodidata. Em 1893, o curso do professor Larroumet, na Sorbonne, foi vaiado “em protesto contra a presença das mulheres no anfiteatro”.²⁸ Os professores eram também bastante reservados, notadamente em Direito, disciplina cuja austeridade parecia incompatível com a presença feminina. As atribuições da primeira estudante são exemplares: foi preciso a intervenção do Conselho da Universidade para que o porteiro consentisse em deixá-la entrar. “Nós hesitamos em acordar à Senhorita Bilcescu a autorização que ela solicitava por receio de ter a polícia nos anfiteatros”, disse, no fim do ano, um professor, que se felicitava com o resultado: “Vocês a respeitaram como uma irmã e nós lhes agradecemos”.²⁹ Sinal de novos tempos como, em 1901 é criada uma associação das estudantes de Paris, que se dá com o objetivo de facilitar a integração das jovens, inclusive no plano do emprego.

Notemos, de passagem: mesmo no interior da casa, a biblioteca, o gabinete de trabalho, quando eles existem, são um território masculino onde as mulheres não penetram; são o tabernáculo do deus pensante. Os Goncourt descrevem assim a casa de Saint-Beuve:

²⁷ Jean-Claude Caron, *Généralisations romantiques. Les étudiants de Paris et Quartier latin, 1814-1851*, Paris, Colin, 1991.

²⁸ Arquivos da prefeitura de polícia de Paris, B A 27.

²⁹ Sobre as primeiras estudantes, cf. Carole Lécuyer, "Une nouvelle figure de la jeune fille sous la Troisième République : l'étudiante", *Clio*, 1996/4, pp. 166-176.

“existem dois Saint-Beuve: o Saint-Beuve do quarto de cima, do gabinete de trabalho, do estudo, do pensamento, do espírito; e um completamente outro Saint-Beuve uma vez descido, o Saint-Beuve na sala de jantar, em família com sua secretaria Troubat, sua corretora de provas, sua amante, Manchotte, Marie, a cozinheira, e as duas empregadas. Neste meio debaixo, ele se torna um pequeno burguês [...] embotado pelos mexericos das mulheres”.³⁰

Esse texto, evidentemente para ser lido em vários graus, não nos dá a planta exata das casas burguesas, mas exprime uma representação dos papéis sexuais e de sua tradução nos espaços, seja ele doméstico ou público.

Do mesmo modo, houve frequentes protestos ao longo de todo o século XIX contra a presença das mulheres nas audiências das cortes de justiça, notadamente na ocasião dos processos criminais. O *Gênio das mulheres* (1845) escreve que esses espetáculos, demasiado impressionantes, arriscam fazer secar o leite daquelas que amamentam. Quando do processo de Troppmann, assassino cujo crime (matou uma família inteira) tornou-se assunto de uma crônica (1869), tomou-se a decisão de repelir as mulheres para o fundo da sala: “inovação muito feliz”, disse a *Gazeta dos tribunais*³¹.

Os espaços militares e esportivos são os mais masculinos de todos. Toda mulher que se aproxima de uma caserna é suspeita; somente as últimas das prostitutas, as “empedradas”, pobres mulheres de soldados, circulam em seus arredores. Ao mesmo tempo, o desfile militar, do qual as mulheres são espectadoras, inscreve na cidade a marcha da virilidade triunfante.

O surgimento dos estádios e dos ringues indica o desenvolvimento de um lazer viril que procura se libertar da ascendência da família sobre o tempo livre. Contra a feminilização da vida privada, eles afirmam os direitos de uma sociabilidade

³⁰ Jules et Edmond de Goncourt, *Journal*, ed. de 1956, t. 8, p. 44 (4 de agosto de 1867).

³¹ *Gazette des tribunaux*, 31 de dezembro de 1869.

*masculina, fortemente legítima, mas que mostra até que ponto o casal moderno trabalho assalariado/lazer construiu-se sem as mulheres*³². Nos meios populares, no sábado (aquele da semana inglesa, que se desenvolve em torno de 1900-1914), os homens se dirigem ao estádio para ver o jogo de futebol, enquanto as mulheres cuidam da casa. O domingo permanece o dia das famílias. O cinema foi, comparativamente, muito mais misto, até mesmo bastante feminino.

Lugares femininos na cidade

No século XIX, em função das condições de moradia mais do que medíocres, o interior operário representa pouca coisa, e as pessoas do povo têm a tendência de “viver na rua”.³³ As funções das mulheres as impelem para o exterior, como nos pátios, tão importantes nos imóveis pré-haussmanianos; nas ruas, para buscar a água das fontes, combustíveis (materiais de construção, excrementos de cavalo); víveres baratos. A cidade é, para essas eternas catadoras, uma floresta na qual se caça furtivamente a vida. Quando os homens partem para o trabalho, para suas tão longas jornadas, a rua pertence às mulheres.³⁴ Elas fazem dela um uso que não é sem parentesco com aquilo que descreve Serge Gruzinski sobre a cidade do México,³⁵ de forma mais densa, certamente.

A função mercadora das mulheres, tanto ao nível da venda como da compra, inscreve-se no espaço dos mercados de qualquer natureza. O século XIX tende a limitar e especificar os lugares de troca. A construção de mercados cobertos é grande preocupação do Segundo Império, para fazer entrar os comerciantes – e as mulheres – em lugares precisos e fechados, mais fáceis de se

³² Alain Corbin (dir.), *L'Avènement des loisirs, 1850-1960*, Paris, Aubier, 1995.

³³ Arlette Farge, *Vivre dans la rue à Paris au XVIII^e siècle*, Paris, Julliard-Gallimard, coll. "Archives", 1979.

³⁴ Jean-Michel Gourden, "Le commerce de détail à Paris au XIX^e siècle" (thèse), Paris 7, 1983.

³⁵ Serge Gruzinski, *Histoire de Mexico*, Paris, Fayard, 1996.

limitar e controlar. Ora, a tendência das mulheres é de vender em toda parte, ao ar livre. A Bédollière (*Os Industriais*, 1842) descreve o cesto de vime da leiteira, ordinariamente instalado sob os portões, como um lugar fluido da palavra, onde se dizem “as novidades do dia e os falatórios do quarteirão”, e ele o opõe à loja fechada do comerciante de vinho, “que vê chegar até ele uma multidão de fregueses machos, atraídos pela isca de um copo de vinho branco, de uma gota de aguardente ou de um jornal”. A dicotomia loja/rua, vinho/leite, jornal/palavra, recobre aquela do masculino/feminino, que opera tanto em uma estrutura do discurso como no espaço social.

Pouco a pouco, a mercadoria entra nos mercados cobertos e nas lojas. Os cestos de vime desaparecem, como desaparecerão mais tarde as comerciantes das quatro estações, que, no século XIX, garantem a maior parte do comércio varejista nos interstícios da rede, ainda frouxa, de uma distribuição cujas lacunas elas preenchem. Mas, mercados fechados e lojas tecem uma malha cerrada, ordenada e regulamentada – como o são os jardins públicos que, progressivamente, substituem os terrenos baldios. As lojas tornam-se os principais pontos de encontro das mulheres, pontos fortes e fixos da vida cotidiana, em quarteirões mais estruturados e espaços intermediários dotados de um forte poder de integração.³⁶ As formas de hospitalidade mudam num tecido urbano densificado, ao mesmo tempo mais confortável e mais disciplinado, onde a circulação dos sexos modifica-se imperceptivelmente.

Os grandes magazines, alto lugar das mulheres e do desejo controlado das mulheres, fornecem exemplos únicos de um espaço a se analisar, tanto sob o plano espacial como sob o ângulo do trabalho e do consumo.³⁷ No início, o pessoal é masculino e

³⁶ Michel de Certeau (com Luce Giard e Pierre Mayol), *L'Invention du quotidien*, 2, *Habiter, Cuisiner*, Paris, UGE, 1980.

³⁷ Bernard Marrey, *Les Grands Magasins des origines à 1939*, Paris, Picard, 1979; Françoise Parent-Lardeur, *Les Demoiselles de magasin*, Paris, Éditions ouvrières, 1969; Huguette Vanier, *La Mode et ses métiers. Frivolités et luttes de classe (1830-1870)*, Paris, Colin, 1960; Claudie Lesselier, "Les employés de Grands Magasins", *Le mouvement social*, outubro-dezembro, 1978.

a clientela, feminina. Em seguida, o pessoal se feminiza após a greve de 1869. É interessante observar o papel constrangedor da habitação pela empresa: as pessoas jovens, que permanecem na cidade, fizeram a greve; as jovens, morando em habitações providas pelos magazines, tiveram que ficar passivas. Doravante, o patronato prefere essas “senhoritas”, dóceis por necessidade; elas invadem as seções onde, todavia, os chefes permanecem os homens, frequentemente sub-oficiais aposentados, agentes de uma disciplina totalmente militar.

A ambiguidade é também bastante forte no campo do consumo. Zola mostrou a que ponto os grandes magazines eram templos da tentação e do prazer: prazer do luxo, onde, numa luxúria de luzes e perfumes, as mulheres sonham com a beleza e acariciam os tecidos como fariam com um corpo apaixonado. Nada de espantoso que o roubo no grande magazine torne-se, no século XIX, uma forma maior de delinquência feminina, aliás, decrescente, gesto de costureiras em falta de aviamentos, de operárias em busca de bagatelas, de mulheres do mundo obcecadas pela novidade. Os psiquiatras analisaram, ao longo de muitas páginas, a cleptomania como uma forma de histeria, expressão de uma sexualidade de substituição. Lar de fantasmas, o grande magazine nutriu o imaginário da cidade sexuada.

Um espaço feminino típico: o lavador

Entre as mulheres e a água, o elo é imemorial. Ele é reforçado no século XIX pelo cuidado com as roupas, chave de uma primeira revolução industrial essencialmente têxtil, cuidado mais obsessivo pela exigência de uma limpeza, ainda bastante ilusória em razão da fraqueza dos equipamentos.³⁸ A impossibilidade de estocar a roupa suja – como se faz no campo, onde as grandes “barrelas” acontecem várias vezes ao ano – obriga as mulheres às lavagens

³⁸ Desenvolvi estes diversos aspectos mais longamente em "Femmes au travail", *Sorcières*, janeiro, 1980. Sobre a fraqueza da higiene pública, cf. Lion Murard e Patrick Zylberman, *L'Hygiène dans la République. La santé publique en France ou l'utopie contrariée (1870-1918)*, Paris, Fayard, 1996.

quase semanais, ou até mais frequentes. A lavagem insinua-se no emprego do tempo, e o lavador na sua prática quotidiana.

Tradicionalmente, os lugares de lavagem eram muito dispersos. Lavava-se em qualquer lugar onde houvesse água, ao longo dos rios, nas fontes, junto a um poço ou até mesmo nas poças d'água. Mas, essa disseminação dá lugar a uma prática mais voluntarista da concentração. Primeiro estágio: os barcos-lavadores, nas margens do Sena, delimitam um espaço específico de lavagem. Conta-se mais de sessenta em 1880. Já os urbanistas do Segundo Império empreenderam sua eliminação por razões econômicas – eles atrapalham a extensão das docas e o tráfego fluvial – e sociopolíticas: quer-se desafogar o centro de Paris em proveito dos bairros periféricos. De onde, a construção dos lavadores ditos de “terra firme”. O povo, as mulheres sobretudo, deixam o Sena e perdem-no.

O lavador de terra firme é um espaço organizado. Na sua configuração externa, sob a Terceira República, planta-se nele uma bandeira, símbolo da aliança entre a República e a água; na sua estrutura interna, existe uma divisão das operações, na sua disciplina – o mestre do lavador é um homem –, seus horários e suas técnicas.

Mas é também – sobretudo? – um lugar de hospitalidade e de sociabilidade para as mulheres, que esperam do lavador outra coisa que o branqueamento da roupa. Mede-se isso, por exemplo, através do romance popular de Jules Cardoze, *A Rainha do lavador* (Paris, 1893; edição ilustrada de 1396 páginas), que descreve de modo muito vivo a vida cotidiana de um lavador no fim do século. Ali se passam muitas coisas entre as mulheres (aqui, a adoção pelo lavador do filho natural de uma mãe abandonada, Jenny, que se torna o filho do lavador) e entre elas e o exterior. Na pausa do meio-dia, os cantores ambulantes fazem as donas de casa dançar, enquanto o vendedor de fotografias vem propor a elas, com a ajuda de acessórios, uma imagem transfigurada delas mesmas ao participarem das novas apresentações de si que, tal qual uma vaga, percorrem esse fim de século.

O lavador aparece também como um local ambivalente. Centro de uma real solidariedade feminina – material (ali se procuram as mulheres quando se está em “apuros”), afetiva, cultural –, de uma

cultura popular de bairro, onde as lavadeiras e as donas de casa são um dos pilares (assim, elas animam as festas da quaresma, a festa das lavadeiras), o lavador é também um meio de educação do espaço-tempo da dona de casa, que os organizadores estimam excessivamente parcelado, fluido, irracional. Eles deploram esse tempo perdido, e é através da lavagem que se começou a refletir sobre o orçamento-tempo da dona de casa e sobre uma racionalização possível da produção doméstica. A mecanização e o ordenamento dos lavadores foram tentados em Paris sob o Segundo Império. No quarteirão do Temple, instala-se a grande custo um lavador copiado dos modelos ingleses: foi um fracasso porque, separadas uma das outras por divisões delimitando pequenos compartimentos individuais, as mulheres não podiam mais falar entre si, belo exemplo de uma resistência feminina a uma forma de hospitalidade urbana que não lhe é conveniente. Todavia, a mecanização dos lavadores prossegue na segunda metade do século XIX, pondo fim, de forma progressiva, ao lavador como lugar de mulheres. Nos lavadores mecanizados, as máquinas são confiadas aos homens: as mulheres perdem o controle das operações de lavagem e circulam num espaço-tempo no qual não têm mais a gestão nem o usufruto.

O lavador, lugar de sociabilidade das mulheres, transformado num meio de sua socialização, constitui um observatório privilegiado dos modos de hospitalidade urbana.

Lugares mistos: o problema da mistura do espaço urbano no século XIX

Em nome da racionalidade da ordem, o século XIX leva bastante longe a divisão sexual dos papéis e, conseqüentemente, dos espaços. Sob o ângulo urbano, a tendência geral é a de um recuo da mistura espontânea e o desenvolvimento de uma mistura organizada. Ao menos esse é o projeto, perpetuamente ameaçado pelo fluxo dos recém-chegados e pelas resistências populares. Bem entendido, não se trata de opor um espaço aldeão espontâneo a um espaço urbano controlado. Ao contrário, não há dúvida disso, uma vez que a “multidão” urbana aparece como

desorganizada e selvagem, como o ápice da confusão perigosa, em que os poderes tentam introduzir uma ordem. As descobertas de Pasteur, os micróbios, as teorias do contágio e da propagação das doenças infecciosas, reforçaram ainda mais a desconfiança em relação ao caráter malsão das promiscuidades de qualquer natureza e, notadamente, sexuais.

A regulamentação ansiosa da prostituição, forma extrema de mistura organizada, tornou a cidade noturna ainda mais inospitaleira para as mulheres, suspeitas de serem “clandestinas” desde que deambulem sós, passada uma certa hora.³⁹ Do mesmo modo, a vagabundagem das mulheres se torna cada vez mais intolerável. As teorias antropológicas do tempo sustentam, aliás, esse tema da mulher sedentária – conservadora, civilizadora – oposta ao homem nômade – aventureiro, guerreiro, caçador, predador, mas também decobridor, inventor. Eis uma anedota reveladora, reportada pela *Gazeta dos tribunais* (24 de novembro de 1869): um pai de família vem pela sétima vez reclamar seu filho incriminado por vagabundagem; com a idade de 15 anos, ele está vestido como uma menina e foi preso como tal, em companhia de um garoto. O pai:

“Eu não consigo retê-lo em casa. Ele sempre encontra um meio de fugir. Eu acreditava ter encontrado um idéia superior vestindo-o como menina, me dizendo: isto o impedirá de ir vagabundear! Ah! pois sim. Vejam vocês! Ele escapou assim mesmo. No ano passado, eu fiz com que fosse preso na Roquette durante um mês; isto não lhe fez o menor efeito. Ele tem que vagabundear...”

Nesse sentido, mede-se a extrema importância do terno e porque, quando elas querem sair de sua condição de mulheres, algumas se vestem como homens: George Sand, certamente, Flora Tristan, para adentrar no Parlamento britânico; Rosa Bonheur, para pintar (ela teve que solicitar uma autorização da

³⁹ Jean-Marc Berlière, *La police des mœurs sous la Troisième République*, Paris, Éd. du Seuil, 1992.

prefeitura de polícia de Paris, pois uma ordenação napoleônica proibia as mulheres de se vestirem como homem); Louise Michel, para combater na Comuna, e muitas outras, por todo tipo de motivos. Vestir-se como homem é penetrar no espaço interdito, apropriar-se dos lugares reservados, torná-los mistos. Esse gesto de desafio simboliza as exclusões que o século XIX impôs às mulheres.

O estudo das manifestações fornecerá um último exemplo. Grande forma da vida democrática, a manifestação jamais é realmente permitida na França, pois sempre é preciso solicitar a autorização junto aos poderes públicos.⁴⁰ Vincent Robert mostrou como, entretanto, a manifestação aclimatou-se em Lyon, entre 1848 e 1914, jogando sobre o número que faz sua força, a presença da multidão, o gesto e a palavra mais finamente ritualizados. Usada por categorias sociais e políticas cada vez mais diversas, a manifestação normaliza-se. Dois traços, contudo, caracterizam-na: com uma ampla dominação operária, ela é, como a política, negócio de homens, e cada vez mais exclui as mulheres – sobretudo após 1848, quando se afirma uma cultura democrática cuja dignidade embandeira-se com as pragas da virilidade. Sob a Segunda República, em Lyon como em Paris, as manifestações femininas são consideradas como de “jovens perdidas”, “desfilando em corpos”; mesmo os Vorazes, ultrarrevolucionários lionenses, condenam-nas. E o que não se disse, na capital, das Vesuvianas, essas mulheres que pretendiam portar armas e montar guarda!⁴¹ As mulheres podem figurar nas manifestações, mas no lugar delas, funcional ou ritual, de porta-estandarte, porta-bandeiras, sustentação ou ornamento; jamais por si mesmas. Toda manifestação de mulheres, grevistas ou feministas, é percebida como inconveniente ou subversiva, representação frequentemente interiorizada pelas mulheres que, em seguida, sentirão-se também deslocadas tanto nas

⁴⁰ Pierre Favre (dir.), *La Manifestation*, Paris, Fondation nationale des sciences politiques, 1990.

⁴¹ Vincent Robert, *Les Chemins de la manifestation, 1848-1914*, Lyon, Presses universitaires de Lyon, 1996.

manifestações quanto na tribuna dos comícios. Se a rua cotidiana é hospitaleira às mulheres, a rua política as repele em nome de uma concepção viril da publicidade.

Essas observações certamente não esgotam o tema da hospitalidade urbana. Seria preciso empreender um inventário de seus lugares e de suas formas, públicas e privadas, na diversidade de suas funções. Mas não se pode fazer uma abstração da diferença dos sexos que percorre e esquadrinha a cidade, espaço social, étnico e sexuado.